

Escutas

Veridiana Canezin Guimarães
Carlos Wilson de Andrade Filho

Sabemos que o surgimento da psicanálise está intrinsecamente relacionado à escuta da histeria. Sigmund Freud pôde escutar o sofrimento psíquico que estava, até então, negligenciado, silenciado e não reconhecido, lançando, assim, a escuta psicanalítica como possibilidade de investigação do não-dito, do inconsciente e de tratamento das neuroses. Mais de 120 anos depois, temos importantes contribuições que essa escuta pode oferecer, evidenciando a potência das reflexões psicanalíticas sobre os acontecimentos culturais, políticos e sociais, na escuta nos consultórios, nas comunidades, na relação fértil com a literatura e a poesia, na clínica das intervenções precoces, na universidade, entre outros campos de atuação. Esta edição da *Alter* apresenta reflexões que discorrem acerca da escuta psicanalítica nesses diferentes cenários.

Na primeira seção “Clínica” estão reunidos os textos que tecem uma articulação da teoria psicanalítica e a prática clínica. Regina Lúcia Braga Mota inicia com o seu artigo “Perseu e Medusa” explorando o sentido da visão no atendimento de uma analisada, tendo expressão no mito do olhar de Medusa e o escudo de Perseu, como via para a compreensão da situação transferencial, seguido dos comentários inéditos de Virgínia Leone Bicudo, supervisora de Braga Mota nesse atendimento, intitulado “O olhar de Medusa e o escudo de Perseu”. O texto “Somatização no bebê e construção de envelopes psíquicos e corporais”, de Rose Angélique Belot, Deise Matos do Amparo, Camila Taunay e Elen Carioca Zerbini, discorre sobre como uma falha na construção dos primeiros envelopes psíquicos pode conduzir a uma somatização no bebê e as repercussões no conjunto das relações e regulações intersubjetivas precoces. Fabrizia Izabel Meira Souto e Renata Damiano Riguini propõem demonstrar no artigo “Compulsão à repetição” como o conceito se localiza desde de 1920, do ponto de vista genético, como um fenômeno que se sobrepõe ao princípio de prazer.

Claudio Castelo Filho em “Encontros reais e encontros virtuais” compartilha suas experiências clínicas contrastando a qualidade dos atendimentos *online* com a dos presenciais, destacando situações que somente podem ser observadas na presença real do analista e analisando, principalmente no que diz respeito a camadas mais primordiais e primitivas da mente, pontuando a necessidade e a importância dos atendimentos virtuais, quando os presenciais tornam-se inviáveis. Finalizando a seção, Sancha Maria Benvindo Lopes e Maria de Fátima de Novais Gondim, no artigo “Uma experiência de escuta psicanalítica a céu aberto” apresentam um trabalho de escuta psicanalítica realizado com um grupo de mulheres de um movimento social localizado numa comunidade carente no entorno de Brasília, contribuindo para pensar em como a intervenção clínica nessas comunidades muito sofridas, alijadas de cuidados sociais básicos, podem trazer oportunidades de elaboração para vivências violentas e enlouquecedoras.

Na seção Cotidiano, Ana Rita Nuti Pontes em “A perversão no cotidiano” discorre acerca da temática da perversão na vida cotidiana, destacando o ato humano de conhecer e admitir o perverso que em cada sujeito. No texto seguinte “Fanatismo e negacionismo”, Roosevelt Cassorla, com base no estudo do mito de Narciso, discute sobre as configurações fanáticas que atacam a percepção da alteridade, fazendo do fanático àquele que se refugia na idealização mortífera da Verdade, considerada única. O autor também discorre sobre o sujeito negacionista, suas construções idealizadas, auxiliado pelos conceitos freudianos de negação (*Verneinung*) e recusa (*Verleugnung*). Esse texto foi apresentado por Cassorla em aula inaugural da última turma de formação da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB).

A reflexão “Psicanálise, regulação e tensão”, de Silvia R. Acosta, Carlos Cesar Marques Frausino e Juan Pinetta, finaliza a seção ao discutir sobre a psicanálise como uma prática do “um a um”, uma prática, segundo os autores, impossível de se normatizar e que enfrenta a todo o momento pressões para que seja normalizada. Os autores constroem proposições e questionamentos para a participação em debates sobre o tema em espaços sociais mais amplos.

Na seção seguinte, convidamos a psicanalista Regina Lúcia Braga Mota para participar, junto com os editores da entrevista com Jansy Berndt de S. Mello, onde ela expõe algumas das suas reflexões sobre a prática da psicanálise. Jansy foi da terceira turma da formação na Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB), foi editora da *Alter* e tradutora de André Green e Wilfred R. Bion quando estiveram em Brasília. As conferências realizadas por Bion na cidade, em 1975, são republicadas agora nesta edição. Bion fala sobre seus últimos trabalhos e investigações em psicanálise.

Na seção Poética, o primeiro texto “Wilfred Bion: Autobiografia e poética”, de Anne Lise Di Moisé Sandoval Silveira Scappaticci, discorre sobre o manejo e a necessidade literária e cultural do analista para o desenvolvimento de uma capacidade de apreensão poética, passando a fazer parte de sua epistemologia pessoal. No texto seguinte “O paciente, o analista e a terceira ópera”, de Celso Gutfreind, com base em um encontro pessoal com o seu analista, motivado pela sua morte, descreve a importância da pessoa do analista e do campo criado entre paciente-analista, bem como, em decorrência desse processo inexorável de perda, ocorre a introjeção do segundo no primeiro, levando à análise ao binômio terminável-interminável.

Finalizamos esta edição com duas resenhas de livros, Keyla Carolina Perim Vale escreve sobre *O desenvolvimento estético. O espírito poético da psicanálise. Ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats*, de Meg Harris Williams. Maria Silvia Valladares escreve sobre *Psicanálise de crianças: relatos à luz de Klein, Bion, Meltzer*, de Marisa Pelella Mélega.

Agradecemos aos colaboradores e pareceristas que tornaram possível a organização e edição do presente volume.

Uma boa leitura a todos!

Veridiana Canezin Guimarães | Editora
veridianacanezinguimaraes@gmail.com

Carlos Wilson de Andrade Filho | Coeditor
carloswbr@gmail.com